

# Turismo de natureza



caçada ou, quem sabe, na pescaria. Lá do alto, ao ritmo da passada afinal bem suave de "Sarita", vemos ao longe os "peões" (trabalhadores rurais) a guiar uma manada. O vento suave traz os berros de comando. O gado corre desenfreado, ora para a esquerda, ora para a direita, até que lhe fazem trilhar o caminho certo. Soam os cascos umas vezes na terra, outras na lama. Ouvem-se flamingos, maçaricos, garças, cisnes, marrecas piadeira. Ouvem-se os quero-quero, o tarrá e o joão-grande. Está composta a banda sonora. E nós estamos dentro de um filme que está ali a acontecer, mesmo à nossa frente.

## Da montanha ao mar

Trazemos na memória os grandes planos de horizontes longínquos de Arambaré. Agora descemos da montada para um merecido descanso e mais uma pitada de cidade, porque, afinal, nem só a cavalo se fazem as cavalgadas.

Em S. Lourenço do Sul provamos os melhores pratos de peixe da viagem, molhamos os pés no

segundo maior lago da América Latina (Lagoa dos Patos) e vimos como ficam transparentes as suas águas quando o sal do mar decide entrar por ali adentro. A dez minutos de barco, rio acima, está a Fazenda do Sobrado ("A Casa das Sete Mulheres", que inspirou a minisérie da Globo), construção colonial portuguesa com um papel importante durante a Revolução Farroupilha (1835-45). Aí, houve tempo para ouvir História, ver como era alto o pé daquela casa, saborear o refresco de goiaba e apreciar os cavalos quarto-de-milha.

Mais a Sul, em Pelotas, a segunda maior cidade do estado, sentimos a magia da sala de um dos teatros mais antigos a funcionar no Brasil, o Teatro Sete de Abril, deslumbramos com a beleza dos palacetes estucados da praça principal e matamos saudades da doçaria portuguesa, numa das muitas pastelarias que nos fazem esquecer que estamos longe de casa.

Doce e salgado. Pelotas, agora, é terra do doce. Mas já foi do salgado. O aveirense José Pinto Martins começou a demolhar carne em sal e a secá-la ao ar livre (charquear) nos idos de 1780, nas margens do rio que deu nome à cidade. O negócio floresceu e transformou a cidade numa das principais fornecedoras de carne seca do Brasil durante o século XIX.

Perdidos com os doces de Pelotas e com a beleza da Charquada de S. Rita, o barco que nos levou do Rio Grande para S. José do Norte (de uma margem para a outra da Lagoa dos Patos) fez o favor de esperar por nós 15 minutos. Foi essa "gentileza" que nos permitiu chegar a horas do churrasco, servido à sombra de uma figueira centenária, já no Haras (coudelaria) de Itapuá Sul, em Tavares, ponto de partida para as últimas cavalgadas da viagem, desta vez em cima de cavalos lusitanos.

Dizer que esta região do grande istmo rio-grandense é um sítio privilegiado para fazer cavalgadas é pouco. Aqui convém chamar, sem receios, pelo adjetivo "único". No Haras de Itapuá Sul (que se dedica à criação de lusitanos) estamos bem no meio de uma língua de terra que se afirmou perante o mar. De um lado, a água salobra da Lagoa dos Patos, do outro o Atlântico. No meio desse capricho da geografia há lugar ainda para pequenos charcos (grandes para nós), como a Lagoa do Peixe, zona classificada como Parque Nacional. Se quisermos, em Itapuá Sul, estamos sempre com os pés na água. Basta andar. Qualquer direcção serve.

E foi em direcção à água rasa da Lagoa do Peixe que partimos. No passo elegante dos lusitanos sentimo-nos a planar. Ricardo, o gaúcho frenético, destinou-me "Segredo", o alazão que me deu uma inesquecível lição de modéstia (ver caixa). As portas da mata de restinga (vegetação de porte médio

e arbustos espinhosos), o lusitano acelerado obrigou-me a mudar para a sela de uma égua "mansa, bem mansinha". "Essa aí, ó, tá sempre a querer ficar", garantia de Dejour, o gaúcho falador.

Depois de tocarmos as margens da Lagoa do Peixe, um dos principais refúgios de aves migratórias da América do Sul e o único local do Brasil onde se podem ver flamingos durante todo o ano, cruzamos de novo o istmo rumo à imensidão da Lagoa dos Patos. Quando a égua lusitana, afinal mansa, entrou na água até às canelas, já o horizonte estava avermelhado. No céu, em silhueta, esticaram-se aves de grande porte (cisnes, capororocas) e, nessa altura, as ferraduras dos "pernilongos" eram a única coisa que nos chamava à realidade.

Das águas calmas das lagoas cavalgamos, um dia depois, rumo ao som das ondas. "Xiquinho", o gaúcho envergonhado, ajudou-me a perceber "Opalina", uma lusitana tordilha que para além de mansa, mansinha, era bem mandada. Antes de pisarmos a areia da praia, em perto do Farol de Mostardas, andamos nas sombras da Mata Atlântica, galgamos campos abertos de pasto, sapais e bancos de dunas dignos do deserto. E depois das dunas ele estava lá. Azul. O oceano.

*O FUGAS viajou a convite de TAP Tours, TDN (Turismo da Natureza) e Cavalgadas Brasil*

